

Capítulo 17

Execução da Pesquisa

Aldemar Araujo Castro

É o processo utilizado durante a realização da pesquisa para **obter os dados previstos** no planejamento que foram documentados no projeto de pesquisa. A execução da pesquisa é a segunda das três etapas da pesquisa (planejamento - execução - divulgação).

A principal razão para fazer a execução da pesquisa é **obter os dados previstos**. Nada mais, nada menos do que executar aquilo que foi planejado e encontra-se documentado no projeto de pesquisa. Quaisquer desvios do projeto devem ser comunicados formalmente ao comitê de ética em pesquisa e justificado a razão para tal desvio. O rigor científico é decisivo para o êxito desta etapa.

Nenhuma pesquisa deve iniciar a etapa de execução sem ter sido aprovada pelo comitê de ética em pesquisa. Esta aprovação também é necessária para encaminhar o projeto para as agências de fomento à pesquisa.

A execução da pesquisa compreende sete itens:

- a) pesquisa-piloto;
- b) coleta de dados;
- c) armazenamento dos dados;
- d) tabulação dos dados;
- e) análise dos dados;
- f) interpretação dos dados;
- g) relatório final.

Este capítulo irá abordar cada um destes itens, no entanto a leitura dos outros capítulos sobre a execução da pesquisa será necessária para o entendimento dos detalhes envolvidos em cada um de seus itens. No URL: <http://www.evidencias.com/execucao> está disponível gratuitamente todo o material aqui apresentado e outros recursos adicionais.

1. Pesquisa-piloto

A pesquisa-piloto é a execução da pesquisa com uma amostra reduzida para validar

os instrumentos e procedimentos que iremos utilizar. É o início da execução da pesquisa que precisa ser realizada antes da execução dos demais passos.

o impulso inicial do pesquisador, depois que o projeto de pesquisa é aprovado pelo comitê de ética em pesquisa, é começar a coletar os dados. Neste momento, como em toda a pesquisa, é importante ter cuidado na sua execução. Apesar de todo o planejamento, ainda não tivemos a possibilidade de fazer tudo como foi planejado, ou seja, de cumprir passo-a-passo as orientações contidas no projeto de pesquisa.

A importância de realizar a pesquisa-piloto se deve ao fato de necessitamos saber se tudo que foi planejado vai sair como planejado. A forma de definir isso é fazendo a pesquisa-piloto. Uma vez ela completada sem desvios, isso nos demonstra que o planejamento foi correto e então começamos a pesquisa propriamente dita. Em resumo, fazer uma pesquisa-piloto e dar tudo certo significa que o projeto passou pelo crivo da exequibilidade.

Quando algum item que foi planejado der errado, é necessária sua correção. Caso essa correção modifica o projeto de pesquisa é necessário que seja feito um comunicado formal ao comitê de ética em pesquisa para sua aprovação.

Uma falha comum é pensar que a pesquisa piloto vai servir para aprimorar o projeto, por exemplo, determinar a versão final dos formulários de coleta de dados, determinar o tamanho da amostra, aprender a realizar alguma técnica, etc. Todos esses itens devem ser elaborados e/ou treinados ainda na fase do planejamento da pesquisa. No planejamento da pesquisa o item de testes de instrumentos e de procedimentos é o momento em que estes instrumentos devem ser aprimorados e os treinamentos realizados para que ao finalizar o projeto de pesquisa e este tiver sido aprovada a pesquisa comece. Por exemplo, a situação em que o projeto foi aprovado pelo comitê de ética em pesquisa e o pesquisador não desenvolver a habilidade de anestesiá-los os animais, será impossível ele executar a pesquisa. Um outro exemplo, um formulário de coleta de dados que não consegue coletar os dados previstos, isso também inviabiliza a pesquisa. Por isso, tudo o que tiver que ser realizado na execução da pesquisa necessita ter sido previsto e documentado a forma de realização no projeto de pesquisa.

2. COLETA DE DADOS

A coleta de dados é um processo que inicia no recrutamento do sujeito da pesquisa e finaliza com o preenchimento da ficha de coleta de dados. Os dados que são coletados nesta ficha em diferentes momentos, no primeiro contato com o sujeito da pesquisa ao preencher os dados demográficos (por exemplo, nome, idade, sexo, peso, etc) até o final do seguimento deste indivíduo quando são preenchidos os campos das variáveis que estão sendo estudadas.

Neste item o instrumento fundamental é a ficha de coleta de dados que pode ser uma folha com uma dúzia de campos a serem preenchidos como nos casos das pesquisas com animais de experimentação, até uma ficha com dezenas de folhas encadernadas como nos casos de pesquisa clínicas (ensaios clínicos aleatórios) com vários anos de seguimento.

Na utilização das fichas de coleta de dados existem alguns pontos críticos que já devem ter sido previstos no planejamento da pesquisa:

- a) A identificação única
- b) O preenchimento correto
- c) A segurança dos dados

A identificação única das fichas de coleta de dados é essencial para evitar confusão de fichas. Temos uma situação mais simples que é uma pesquisa que possui apenas algumas dezenas de uma ficha de coleta de dados com poucos campos, neste caso qualquer método resolverá o problema. No entanto se tivermos centenas de fichas com dezenas de campos, a melhor solução é termos uma identificação única impressa em cada ficha e em cada folha, de modo a não causar dúvidas sobre de quem é a ficha. Podemos sofisticar a ponto de já planejar a elaboração da ficha com possibilidade de leitura óptica com código de barras e campos de preenchimento. Numa situação intermediária, a utilização do cabeçalho de um processador de texto com recursos de inserção de campo podem resolver este problema. A técnica que será utilizada deverá ser utilizada desde o projeto de pesquisa.

O preenchimento correto e inequívoco é essencial para a pesquisa, por isso quanto menor a quantidade de campos para escrever, via de regra é melhor. Uma forma de melhorar o preenchimento e fazendo um treinamento com as pessoas que irão utilizar estes formulários explicados cada campo e os cuidados que devem ter com estes formulários. Outra forma que deve ser utilizada também é revisar por meio de amostragem se os dados são fidedignos.

A segurança da ficha de coleta de dados se refere a dois itens:

- a) A manutenção da confidencialidade dos dados. Este item pode ser resolvido tendo ao menos duas tabelas de dados, uma com a identificação do sujeito da pesquisa e a outra com os outros dados. O uso de uma chave primária nas duas tabelas cria o vínculo entre os dois e permite a manuseio dos dados mantendo-se a confidencialidade. Os usos de senhas e de criptografia podem ser úteis.
- b) A garantia que os dados não serão perdidos. A realização de cópias de segurança ao final de cada sessão de trabalho e a cada semana, em três cópias (uma no próprio computador; a segunda, deixada no ambiente perto computador; e a terceira, guardada remotamente) podem controlar este problema. O acesso de mais de uma pessoa a estes dados é fundamental.

Quanto melhor for o ficha de coleta de dados menores serão as dificuldades na próxima etapa, melhorando a eficiência no armazenamento dos dados.

3. ARMAZENAMENTO DOS DADOS

O armazenamento dos dados é o processo de manter juntos os dados coletados de forma a facilitar o próximo passo, a tabulação dos dados. Ela pode ser manual ou eletrônica. O uso de computadores pessoais tornou o armazenamento manual desnecessário e os recursos oferecidos mais à facilidade do uso dos recursos computacionais tornam o meio eletrônico a melhor escolha no armazenamento dos dados da pesquisa. O uso de planilhas eletrônicas (por exemplo, MS Excel, OpenCalc) torna o trabalho mais eficiente. Além de facilitar o item seguinte, a tabulação dos dados.

Neste processo dois pontos são críticos:

- a) A **fidelidade do dado**, a digitação redundante dos dados e conferência dos dados discordantes, pode controlar este problema.
- b) A **perda dos dados**, a realização de cópias de segurança ao final de cada sessão de trabalho e a cada semana, em duas cópias, um no ambiente do computador, e a outra remota, podem controlar este problema.

4. TABULAÇÃO DOS DADOS

A tabulação dos dados é o quarto item dos oito que compõe a execução d pesquisa. Este item deve ser entendido como o processo de apuração e de apresentação dos dados. A apresentação é realizada de duas formas: a) apresentação tabular, b) apresentação gráfica. O uso de planilhas eletrônicas (por exemplo, MS Excel, OpenCalc) torna o trabalho mais eficiente, principalmente, se o item anterior, o armazenamento dos dados, utilizou o mesmo aplicativo.

5. ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados é o cálculo de medidas de posição, de dispersão, de assimetria, e de achatamento para a apresentação dos dados e a aplicação de testes estatísticos planejados. Será a execução do que foi planejada no item "análise estatística" no projeto de pesquisa. Qualquer outra análise que seja realizada e não foi planejada deve ser descrita no relatório final como análises não planejadas. No entanto, não existe justificativa para acrescentar novas análises aos dados. A única explicação seria a falta de um planejamento adequado, pois deixou de revisar a literatura (pesquisas na mesma área) e verificar quais os métodos a serem utilizados.

6. INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Este é o item mais complexo na execução da pesquisa pois requer do pesquisador uma postura crítica de como foi conduzida sua pesquisa (falhas e limitações) para que não superestime seus resultados e o domínio do tema na qual foi realizada a pesquisa para saber os pontos fracos e fortes dos seus resultados. Tudo isso aliado ao resultado na análise estatística das variáveis é que vai determinar a interpretação (conclusão) dos resultados.

7. RELATÓRIO FINAL

O relatório final (relatório de pesquisa) é um documento que apresenta a idéia brilhante (pergunta de pesquisa e hipótese), a situação atual do conhecimento no assunto, e o método de como chegar à resposta da pergunta inicial, os resultados, a discussão (interpretação dos resultados) e a conclusão (resposta à pergunta de pesquisa).

São três as razões para elaborar o relatório final: a primeira, de documentar a pesquisa realizada; a segunda, permitir que outro pesquisador possa avaliar a qualidade da pesquisa (validade, importância e aplicabilidade); a terceira, encaminhar o relatório de pesquisa para comunicar o andamento da mesma.

O relatório final deve ser claro, preciso e objetivo, na forma de redação. A estrutura do projeto (quadro 1) de pesquisa compreende: a) elementos pré-textuais, b) elementos textuais, c) elementos pós-textuais.

Quadro 1. Estrutura do relatório final

- Capa
- Folha de rosto (no verso a ficha catalográfica)
- Página do orientador
- Agradecimentos
- Informações gerais
- Resumo / Abstract
- Índice
- Lista de abreviaturas
- Lista de figuras
- Lista de gráficos
- Lista de tabelas
- 1. Introdução
 - 1.1. Contexto
 - 1.2. Hipótese
 - 1.3. Objetivo
- 2. Métodos
 - 2.1. Tipo de estudo
 - 2.2. Local
 - 2.3. Amostra
 - 2.3.1. Critérios de inclusão
 - 2.3.2. Critérios de exclusão
 - 2.3.3. Amostragem
 - 2.3.4. Consentimento livre e esclarecido
 - 2.4. Procedimentos (intervenção, teste diagnóstico ou exposição, se necessário)
 - 2.5. Variáveis
 - 2.6. Método estatístico
 - 2.6.1. Cálculo do tamanho da amostra
 - 2.6.2. Análise estatística
- 3. Resultados
 - 3.1. Desvios da pesquisa
 - 3.2. Características da amostra
 - 3.3. Variável primária
 - 3.4. Variáveis secundárias
- 4. Discussão
 - 4.1. Discussão dos métodos
 - 4.2. Discussão dos resultados
 - 4.3. Implicações para a prática clínica
 - 4.4. Implicações para a pesquisa
- 5. Conclusão
- 6. Referências
- 7. Anexos
 - 7.1. Formulário do consentimento livre e esclarecido
 - 7.2. Formulários de coleta de dados
 - 7.3. Formulário de dados individuais
- 8. Apêndices

Capa

Cada um dos itens da estrutura do relatório de pesquisa apresentado, deverá iniciar uma nova página - recomendação puramente "cosmética".

Ao chegar nesta fase é obrigatório enviar uma cópia ao comitê de ética em pesquisa para comunicar o final da pesquisa. Caso o tempo entre a aprovação pelo comitê de ética em pesquisa e relatório final for maior que seis meses é obrigatório também o envio de relatórios parciais.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entender a execução da pesquisa como um processo estruturado que se inicia com a pesquisa-piloto e é encerrado com a elaboração do relatório de pesquisa é importante para a etapa de divulgação da pesquisa que virá em seguida. A estruturação de cada um das etapas e a sistematização serão fundamentais para produzir uma pesquisa de boa qualidade.

7. REFERÊNCIAS

- AWGCAML, 1987.
Ad Working Group for Critical Appraisal of the Medical Literature. A proposal for more informative abstracts of clinical articles. *Ann Intern Med* 1987;106(4):598-604.
- Bireme, 1992.
Centro Latino-Americano e do Caribe para Informações em Ciências da Saúde. DECS: descritores em ciências da saúde. 2ª ed. São Paulo: BIREME; 1992. Disponível em: URL: <http://decs.bvs.br>
- Day 1990.
Day RA. Como escrever y publicar trabajos científicos. Washington: OPS/OMS; 1990.
- How to read clinical journal, 1981.
Department of Clinical Epidemiology and Biostatistic, Mcmaster University, Health Science Center. How to read clinical journal. I. Why to read them and start reading them critically. *Can Med Assoc J* 1981;124(5):555-558.
Department of Clinical Epidemiology and Biostatistic, Mcmaster University, Health Science Center. How to read clinical journal. II. To learn about a diagnostic test. *Can Med Assoc J* 1981;124(6):703-710.
Department of Clinical Epidemiology and Biostatistic, Mcmaster University, Health Science Center. How to read clinical journal. III. To learn the clinical course and prognosis of disease. *Can Med Assoc J* 1981;124(7):869-872.
Department of Clinical Epidemiology and Biostatistic, Mcmaster University, Health Science Center. How to read clinical journal. IV. To determine etiology or causation. *Can Med Assoc J* 1981;124(8):985-990.
Department of Clinical Epidemiology and Biostatistic, Mcmaster University, Health Science Center. How to read clinical journal. V. To distinguish useful from useless or even harmful therapy. *Can Med Assoc J* 1981;124(9):1156-1162.
Department of Clinical Epidemiology and Biostatistic, Mcmaster University, Health Science Center. How to read clinical journal. VI. To learn about the quality of clinical care. *Can Med Assoc J* 1981;130(4):377-381.
Department of Clinical Epidemiology and Biostatistic, Mcmaster University, Health Science Center. How to read clinical journal. VII. To understand and economic evaluation (Part A). *Can Med Assoc J* 1981;130(11):1428-1434.
Department of Clinical Epidemiology and Biostatistic, Mcmaster University, Health Science Center. How to read clinical journal. VII. To understand and economic evaluation (Part B) *Can Med Assoc J* 1981;130(12):1542-1549.
- Eco, 1989.
Eco H. Como se faz uma tese. São Paulo: Perspectiva; 1989.
- Evans, 1993.
Evans M. Structured abstracts: rationale and construction. *Eur J Surg* 1993;159:131-132.
- EBMWG, 1992.
Evidence-Based Medicine Working Group. Evidence-Based medicine: a new approach to teaching the practice of medicine. *JAMA* 1992;268(17):2420-2425.
- User's guide to the medical literature. 1992. Disponível em: URL: <http://www.cche.net/usersguides/main.asp>
Evidence-Based Medicine Working Group. User's guide to the medical literature. Health information resources unit. (<http://hiru.mcmaster.ca/ebm/user's/default.htm>)
Evidence-Based Medicine Working Group. User's guide to the medical literature: I. How to get started. *JAMA* 1993; 270(17):2093-2095.
Evidence-Based Medicine Working Group. User's guide to the medical literature: II. How to use an article about therapy or prevention. A. Are the results of the study valid? *JAMA* 1993; 270(21):2598-2601.
Evidence-Based Medicine Working Group. User's guide to the medical literature: II. How to use an article about therapy or prevention. B. What were the results and will they help me caring for my patients. *JAMA* 1994; 271(1):59-63.
Evidence-Based Medicine Working Group. User's guide to the medical literature: III. How to use an article about a diagnostic test. A. Are the results of the study valid? *JAMA* 1994; 271(5):389-391.
Evidence-Based Medicine Working Group. User's guide to the medical literature: III. How to use an article about a diagnostic test. B. What were the results and will they help me caring for my patients. *JAMA* 1994; 271(9):703-707.
Evidence-Based Medicine Working Group. User's guide to the medical literature: IV. How to use an article about harm. *JAMA* 1994; 271(20):1615-1619.
Evidence-Based Medicine Working Group. User's guide to the medical literature: V. How to use an article about prognosis. *JAMA* 1994; 272(3):234-237.
Evidence-Based Medicine Working Group. User's guide to the medical literature: VI. How to use an overview. *JAMA* 1994;

- 272(17):1367-1371.
Evidence-Based Medicine Working Group. User's guide to the medical literature: VII. How to a clinical decision analysis. A. Are the results of the study valid? JAMA 1995; 273(16):1292-1295.
Evidence-Based Medicine Working Group. User's guide to the medical literature: VII. How to a clinical decision analysis. B. What were the results and will they help me caring for my patients. JAMA 1995; 273(20):1610-1613.
Evidence-Based Medicine Working Group. User's guide to the medical literature: VIII. How to use clinical practice guidelines. A. Are the recommendations valid? JAMA 1995; 274(7):570-574.
Evidence-Based Medicine Working Group. User's guide to the medical literature: VIII. How to use clinical practice guidelines. B. What are the recommendations and will they help you in caring for your patients? JAMA 1995; 274(20):1630-1632.
Evidence-Based Medicine Working Group. User's guide to the medical literature: IX. A method for grading health care recommendations. JAMA 1995; 274(22):1800-1804.
Evidence-Based Medicine Working Group. User's guide to the medical literature: X. How to use na article reporting variations in the outcomes of health services. JAMA 1996; 275(7):554-558.
Evidence-Based Medicine Working Group. User's guide to the medical literature: I. How to get started. JAMA 1993;270(17):2093-2095.
- Guyatt, 1993.
Guyatt GH, Rennie D. User's guides to the medical literature [Editorial]. JAMA 1993;270(17):2096-2097.
- Haynes, 1990.
Haynes RB, Mulrow CD, Huth EJ, Altam DG, Gardner MJ. More information abstracts revised. Ann Intern Med 1990;113(1):69-76. Disponível em: URL: <http://www.acponline.org/journals/resource/90aim.htm>
- Hayward, 1993.
Hayward RA, Wilson MC, Tunis SR, Bass EB, Rubin HR, Haynes RB. More informative abstracts of articles describing clinical practice guidelines. Ann Intern Med 1993;118(9):731-737.
- Huth, 1997.
Huth EJ. Structured abstracts for papers reporting clinical trials. Ann Intern Med 1987; 106(4):626-627.
- Mulrow, 1988.
Mulrow CD, Tracker SB, Pugh JA. A proposal for more informative abstracts of review articles. Ann Intern Med 1988;108(4):613-615.
- NLM, 1993.
National Library of Medicine. MESH: medical subjects headings. Bethesda, NLM, 1993. Disponível em: URL: <http://www.pubmed.gov>
- Naylor, 1991.
Naylor CD, Williams JI, Guyatt G. Structured abstracts of proposals for clinical and epidemiological studies. J Clin Epidemiol 1991;44(8):731-737.
- Oxman, 1988.
Oxman AD, Guyatt GH. Guidelines for reading literature review. Can Med Assoc J 1988;138(8):697-703.
- Rey, 1993.
Rey L. Planejar e redigir trabalhos científicos. 2ª ed. São Paulo: Edgard Blücher; 1993.
- Sackett, 1995.
Sackett DV, Oxman AD, editors. The Cochrane handbook. The Cochrane Collaboration, Oxford, 1995. Disponível em: URL: <http://hiru.mcmaster.ca/cochrane/handbook/default.htm>
- Salomon, 1974.
Salomon DV. Recensão e abstract. In: Salomon DV. Como fazer uma monografia: elementos de metodologia do trabalho científico. 4ª edição. Belo Horizonte: Interlivros; 1974.
- Severino, 1986.
Severino AJ. Metodologia do trabalho científico. 14ª edição. São Paulo: Cortez; 1986.

o Pontos importantes

- o A execução da pesquisa é o processo utilizado durante a realização da pesquisa para obter os dados previstos no planejamento que foram documentados no projeto de pesquisa.
- o A execução da pesquisa é a segunda das três etapas da pesquisa (planejamento - execução - divulgação).
- o A principal razão para fazer a execução da pesquisa é obter os dados previstos. Nada mais, nada menos do que executar aquilo que foi planejado e encontra-se documentado no projeto de pesquisa.
- o Nenhuma pesquisa deve iniciar a etapa de execução sem ter sido aprovada pelo comitê de ética em pesquisa.
- o No URL: <http://www.evidencias.com/execucao> estão disponíveis recursos adicionais sobre o tema a execução da pesquisa.
- o A importância de realizar a pesquisa-piloto se deve ao fato de necessitamos saber se tudo que foi planejado vai sair como planejado.

- o Caso algum item que foi planejado der errado, é necessária sua correção. Se essa correção modifica o projeto de pesquisa é necessário que faça um comunicado formal ao comitê de ética em pesquisa para sua aprovação.
- o A coleta de dados é um processo que inicia no recrutamento do sujeito da pesquisa e finaliza com o preenchimento da ficha de coleta de dados.
- o A identificação única das fichas de coleta de dados é essencial para evitar confusão de fichas.
- o A realização de cópias de segurança ao final de cada sessão de trabalho e a cada semana, em três cópias (uma no próprio computador; a segunda, deixada no ambiente perto computador; e a terceira, guardada remotamente) pode ajudar a evitar a perda de dados.
- o A tabulação dos dados é o processo de apuração e de apresentação tabular e gráfica dos dados.
- o A análise dos dados é o cálculo de medidas de posição, de dispersão, de assimetria, e de achatamento para a apresentação dos dados e a aplicação de testes estatísticos planejados.
- o A interpretação dos dados é o item mais complexo na execução da pesquisa pois requer do pesquisador uma postura crítica de como foi conduzida sua pesquisa (falhas e limitações) para que não superestime seus resultados e o domínio do tema na qual foi realizada a pesquisa para saber os pontos fracos e fortes dos seus resultados.
- o A importância do relatório final são três: a primeira, de documentar a pesquisa realizada; a segunda, permitir que outro pesquisador possa avaliar a qualidade da pesquisa (validade, importância e aplicabilidade); a terceira, encaminhar o relatório de pesquisa para comunicar o andamento da mesma.
- o A estruturação de cada um das etapas da execução da pesquisa e sua sistematização serão fundamentais para produzir uma pesquisa de boa qualidade.

Versão prévia publicada:
Nenhuma.

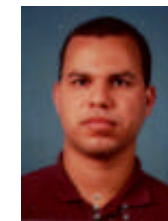
Data da última modificação:
22 de janeiro de 2005.

Como citar este capítulo:
Castro AA. Execução da pesquisa.
In: Castro AA. Planejamento da pesquisa. São Paulo: AAC; 2001.
Disponível em: URL: <http://www.evidencias.com/execucao>

Conflito de interesse:
Disponível em: URL: http://www.evidencias.com/oconf_ald.htm

Fonte de fomento:
Fundação Universitária de Ciências da Saúde de Alagoas / Escola de Ciências Médicas de Alagoas,
Maceió, AL,
Universidade Federal de São Paulo / Escola Paulista de Medicina,
São Paulo, SP.

Sobre o autor:



Aldemar Araujo Castro
Professor Assistente, Mestre, da
Disciplina de Metodologia da Pesquisa Científica do Departamento de Medicina Social da
Fundação Universitária de Ciências da Saúde de Alagoas / Escola de Ciências Médicas de Alagoas,
Maceió, Brasil.
<http://www.metodologia.org/emal>

Endereço para correspondência:
Fundação Universitária de Ciências da Saúde de Alagoas / Escola de Ciências Médicas de Alagoas
Departamento de Medicina Social
Disciplina de Metodologia da Pesquisa Científica
URL: <http://www.metodologia.org/ecmal>
Rua Doutor Jorge de Lima 113
57010-283 Maceió –AL
Fone: +82 221 8538.
Facsimile: +82 221 8538
Correio eletrônico: aldemar@evidencias.com
<http://www.evidencias.com/aldemar>
(4108 palavras, 268 parágrafos)

Dados do Manuscrito

Nome do arquivo: lv4_17_execucao_01
Última impressão: 23/1/2005 6:30
Número de páginas: 12
Revisão número: 29
Tamanho do arquivo (Kb): 161
(4108 palavras, 268 parágrafos)

Nome do arquivo com diretório: C:\Documents and Settings\Aldemar\Meus documentos\lv4_01_metodologia_624\MBE_05_Planejamento da Pesquisa\LV4_planejamento\lv4_17_execucao_01.doc

ANEXO 1 – Estrutura do projeto de pesquisa

Capa

Folha de rosto (no verso a ficha catalográfica)

Resumo/abstract

Índice

Lista de abreviaturas, siglas, sinais e símbolos

1. Informações gerais
2. Projeto de pesquisa
 - 2.1. Razões e objetivos para a pesquisa
 - 2.1.1. Contexto
 - 2.1.2. Hipótese
 - 2.1.3. Objetivo
 - 2.2. Plano de trabalho e métodos
 - Comitê de ética em pesquisa
 - 2.2.1. Tipo de estudo
 - 2.2.2. Local
 - 2.2.3. Amostra
 - 2.2.3.1. Critérios de inclusão
 - 2.2.3.2. Critérios de exclusão
 - 2.2.3.3. Amostragem
 - 2.2.3.4. Consentimento livre e esclarecido
 - 2.2.4. Procedimentos (intervenção, teste diagnóstico ou exposição, se necessário)
 - 2.2.5. Variáveis
 - 2.2.6. Método estatístico
 - 2.2.6.1. Cálculo do tamanho da amostra
 - 2.2.6.2. Análise estatística
 - 2.3. Etapas da pesquisa e cronograma
 - 2.3.1. Etapas da pesquisa
 - 2.3.2. Cronograma
 - 2.4. Relação de materiais necessários
 - 2.5. Orçamento
 - 2.5.1. Quadro (recursos, fontes e destinação)
 - 2.5.2. Previsão de ressarcimento de gastos aos sujeitos da pesquisa
 - 2.6. Monitorização do ensaio clínico
 - 2.6.1. Medidas para a proteção ou minimização de quaisquer riscos
 - 2.6.2. Medidas de monitorização da coleta de dados
 - 2.6.3. Medidas de proteção à confidencialidade
 - 2.6.4. Critérios para suspender ou encerrar a pesquisa
 - 2.7. Análise dos riscos e benefícios
 - 2.8. Propriedades da informação e divulgação da pesquisa
 - 2.9. Responsabilidades do pesquisador, da instituição, do promotor e do patrocinador
3. Documentação complementar
 - 3.1. Referências
 - 3.2. Formulário do consentimento livre e esclarecido
 - 3.3. Formulários individuais
 - 3.4. Formulários coletivos
 - 3.5. Curriculum vitae Lattes

Capa

ANEXO 2 – Estrutura do relatório de pesquisa

- Capa
- Folha de rosto (no verso a ficha catalográfica)
- Página do orientador
- Informações gerais
- Agradecimentos
- Índice
- Lista de abreviaturas, sinais e símbolos
- Lista de figuras
- Lista de gráficos
- Lista de tabelas
- Resumo / Abstract
- 1. Introdução
 - 1.1. Contexto
 - 1.2. Hipótese
 - 1.3. Objetivo
- 2. Métodos
 - Comitê de ética em pesquisa
 - 2.1. Tipo de estudo
 - 2.2. Local
 - 2.3. Amostra
 - 2.3.1. Critérios de inclusão
 - 2.3.2. Critérios de exclusão
 - 2.3.3. Amostragem
 - 2.3.4. Consentimento livre e esclarecido
 - 2.4. Procedimentos (intervenção, teste diagnóstico ou exposição, se necessário)
 - 2.5. Variáveis
 - 2.6. Método estatístico
 - 2.6.1. Cálculo do tamanho da amostra
 - 2.6.2. Análise estatística
- 3. Resultados
 - 3.1. Desvios da pesquisa
 - 3.2. Características da amostra
 - 3.3. Variável primária
 - 3.4. Variáveis secundárias
- 4. Discussão
 - 4.1. Discussão dos métodos
 - 4.2. Discussão dos resultados
 - 4.3. Implicações para a prática clínica
 - 4.4. Implicações para a pesquisa
- 5. Conclusão
- 6. Referências
- 7. Anexos
 - 7.1. Formulário do consentimento livre e esclarecido
 - 7.2. Formulários de coleta de dados
 - 7.3. Formulário de dados individuais
- 8. Apêndices
- Capa

ANEXO 3 – Exemplo da inter-relação de cada um dos itens do planejamento da pesquisa

Item da execução	Mês																
	Março	Abril	Mai	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Mai	Junho	
Pesquisa-piloto	■	■															
Coleta de dados			■	■	■	■											
Armazenamento dos dados				■	■	■	■										
Tabulação dos dados							■	■									
Análise dos dados								■	■								
Interpretação dos dados									■	■	■	■	■	■	■	■	■
Relatório final	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■